

# Até os juros da dívida são negociados com deságio

*Externa*  
Rosental Calmon Alves  
Correspondente

WASHINGTON — O anúncio do ministro Maílson da Nóbrega de que o Brasil poderá decretar moratória a partir de setembro surpreendeu os bancos credores. Não que os banqueiros esperassem pagamento em dia, mas porque eles achavam que o Brasil simplesmente deixaria de pagar, discretamente, como a Argentina que, sem anúncio algum, acumula atrasos há mais de 14 meses.

Desta vez, a ameaça de moratória feita pelo ministro não chegou a afetar o mercado. Há meses corriam rumores de que o Brasil não iria honrar a alta conta a ser paga em setembro (US\$ 2,3 bilhões só da dívida pública aos bancos comerciais). Há duas semanas, quando se viu que a inflação estourava e não havia perspectivas de acordo com o FMI a curto prazo, os banqueiros mais otimistas, que ainda tinham alguma esperança de receber juros do Brasil em setembro, desistiram. Isso permitiu o surgimento de um mercado secundário de juros, que funciona paralelamente ao de títulos da dívida brasileira, com um desconto menor.

**Com desconto** — “Depois de muitos rumores de que o Brasil não pagaria os juros que vencem em setembro, apareceram vendedores querendo negociar os direitos a receber esses pagamentos”, revelou Júlia Liu, operadora da corretora Merrill Lynch no mercado secundário. Ela explicou que essas ofertas estão sendo feitas a 60% do valor de face, ou seja, um banco vende, por exemplo, por US\$ 600 mil o direito a receber do Brasil US\$ 1 milhão em setembro. Apesar desse desconto de 40%, Julia Liu explicou que as ofertas não estão despertando grande interesse dos compradores.

“O problema é que o mercado está cheio de rumores sobre o Brasil. Dizem por exemplo que vai se repetir lá a crise que está acontecendo na Argentina. Isso tem afetado muito a posição do país no mercado secundário”, disse a operadora da Merrill Lynch. Segundo ela, os títulos brasileiros caíram cerca de cinco pontos percentuais, há duas semanas, devido em parte a estes rumores e em parte à falta de demanda. Ontem, os títulos da dívida brasileira estavam sendo negociados no mercado secundário a 31% ou 32%, ou seja, uma promissória de US\$ 1 milhão podia ser comprada a US\$ 310 mil.

A notícia sobre a moratória, portanto, chegou ao mercado muito antes das declarações de Maílson e já tinha alterado as cotações. Ontem, os banqueiros, na realidade, nem pareciam dar muita importância à novidade, que recebiam de seus escritórios no Brasil e através das agências de notícias. Primeiro, porque eles já sabiam que o Brasil se encaminhava para o atraso. Segundo, porque eles estão neste momento muito mais preocupados com as complicadas negociações do pacote mexicano.

**Nova rodada** — Uma alta fonte revelou ao *JORNAL DO BRASIL* que se espera uma nova rodada de negociações entre o governo brasileiro e os bancos credores tão logo o pacote mexicano esteja fechado, em meados de julho. O Brasil vai pedir um tratamento especial, aproveitando que os próprios banqueiros sabem que o país precisa de tranquilidade para passar o processo eleitoral e encerrar a atual administração.

“A moratória é apenas uma das alternativas, mas é perfeitamente possível iniciar um processo negociator com os bancos que vá num sentido diferente”, disse outra fonte. Uma alternativa seria acertar com os banqueiros um programa modesto de redução dos juros devidos pelo Brasil, o que seria obtido independentemente do acordo com o FMI. Nesse caso, o exemplo mencionado foi seguinte: uma emissão de títulos de US\$ 6 bilhões da dívida brasileira (10% do total do estoque), a serem negociados com desconto de 50%, representando, assim, uma redução de até US\$ 3 bilhões no serviços devidos pelo país.